SARAMAGO, José. A maior flor do mundo. São Paulo: Companhia das

Letrinhas,2001.

SCHNEIDER, Raquel E. F.; TOROSSIAN, Sandra D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 15, n.2, p. 132-148, ago. 2009. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a09.pdf>. Acesso em: 06/07/2019 10h50

TATAR, Maria (Org.). Contos de fadas: edição comentada & ilustrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

VOLOBUEF, Karin Os irmãos Grimm: entre a magia e aerudição. In: GARCIA Flávio et al. (Org.). Anais do VII Painel Reflexões sobre Insólito na narrativa ficcional / II Encontro Nacional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional:

"Insólito, Mitos, Lendas, Crenças" - Conferências.Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011. p. 12-23. Disponível em<http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/vii_painel_ii_enc_nac_confer.pdf>. Acesso em: 08/07/2019 19:00

ZILBERMAN, Regina. LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira: história e histórias. São Paulo: Ática, 1985.

A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAROLINE SOUZA GARCIA

RESUMO

O Tema Autismo ganhou grande notoriedade na sociedade atual como um todo, pois se tem falado bastante sobre a temática devido a ampliação do diagnóstico; e não só na esfera educacional, pois não envolve só profissionais de educação, mas também familiares que são de grande importância no desenvolvimento da criança. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo mostrar que o Autismo além de ser um transtorno do neurodesenvolvimento, nessa condição está um ser humano que tem a possibilidade de aprender e estar incluso no processo regular de escolarização. Esse projeto tem como objetivo também, mostrar a importância do professor em desmistificar todo o preconceito que existe quanto a capacidade da criança autista fazendo desse o princípio básico da inclusão escolar. Será abordado também a importância da escola como local que possibilite a criança enxergar muito além das suas limitações, nas interações e vivências pelas quais ela passa. Falaremos sobre aspectos relacionados à parte física de uma sala de aula, tais como o tamanho ideal, a iluminação, ventilação e luz, quesitos esses essenciais para o desenvolvimento dessas crianças. Acima de tudo esse projeto quer elucidar que nesse conjunto de participações essenciais para o progresso da criança autista, o professor ainda que com pouco ou nenhum apoio se adapta para poder abraçar essa criança da forma mais digna possível. Cabe lembrar que recentemente essas crianças eram vistas como doentes apenas, e que mudanças recentes como a Declaração Mundial de Educação para todos, 1990 e Declaração de Salamanca 1994, foram um marco a todo esse movimento de inclusão.

Palavras- chave: Autismo; Educa-

ção; Professor; Inclusão; Aprendizagem; Criança

INTRODUÇÃO

Será realizada pesquisa bibliográfica acompanhada do relato de uma pesquisa qualitativa de campo. Participou desse estudo a professora da creche Obra do Berço- RJ Eliane Souza, responsável pela turma do Pré-1 a qual existem a possibilidade de dois alunos autistas (em investigação diagnóstica). Dentre os autores pesquisados estão Krebs, Cool e Mantoan. Foi realizada entrevista com a responsável pela turma sobre as dificuldades que o profissional da educação encontra no dia a dia ao lidar com uma turma heterogênea composta por 25 alunos onde dois desses alunos apresentam comportamentos autísticos.

O objetivo da pesquisa foi de analisar os procedimentos adotados pela professora uma vez que ela atua com crianças autistas na educação básica, identificar os conhecimentos que a mesma, e seus pares, apresenta sobre o tema em questão, além de avaliar as dificuldades no dia a dia encontrada pelos professores e também as dificuldades encontradas por alunos autistas em se adaptar a um ambiente o qual ele não se sente realmente inserido, também através de revisão literária. Assim, este artigo será estruturado em: o resgate histórico sobre o autismo; a inclusão da criança autista, a escola como um espaço de socialização e a formação docente para o processo de inclusão.

Para isso realizamos uma entrevista com a professora. Observamos que na grande maioria das respostas, a professora entende o autismo como um problema que isola o aluno das demais crianças e funcionários da escola, permanecendo centrado em um mundo particular sem interatividade. Na visão dela, o autismo é um transtorno que mantêm a criança em um mundo isolado prejudicando principalmente o seu relacionamento social e as trocas com o meio.

Essa definição mencionada acima pela professora vai de encontro do que preconiza Cool et al (1995) quando propõe que “o que se observa em primeiro lugar é que a criança é muito passiva, ou seja, demonstra pouca sensibilidade as pessoas e aos objetos que estão a sua volta permanecendo isolada e alheia ao meio em que está inserida.” Observamos com isso que a característica do isolamento social é algo muito visível e perceptível. Por conta disso, tal característica, acaba por configurar-se como definição de autismo no âmbito mais amplo.

Para a professora a principal característica encontrada em um aluno autista é o isolamento, demonstrando talvez a falta de um conhecimento mais aprofundado sobre a realidade dos autistas. Ainda com relação às características a professora cita ter observado dificuldades na aprendizagem em geral, resistência à alteração da rotina, falta de contato visual, movimentos repetitivos, repetição na fala.

Uma das professoras entrevistadas pontua que o maior obstáculo na convivência com essas crianças é o fato delas serem introspectivas, dificultando sua comunicação. Existe também o fato de o corpo docente não receber nenhum tipo de orientação, capacitação técnica ou ao me-

nos a presença de um mediador em sala de aula para facilitar esse processo, uma vez que nem todas as escolas já aderiram a esse recurso reforçando a tese de que o tema inclusão ainda merece uma atenção especial e precisa ser considerado de extrema importância através de políticas específicas que saiam do papel e façam parte do dia a dia escolar.

Além disso, existe também uma dificuldade muito grande em encaminhar essas crianças para avaliações a fim de serem realizados os diagnósticos o mais cedo possível, concentrando a maior responsabilidade pela sua aprendizagem nas mãos do professor.

Sobre o processo de inclusão, como consideração e efetivação das diferentes potencialidades, e não a segregação de um grupo em salas específicas, Rodrigues, Krebs, Freitas (2005) coloca que o currículo pode ser identificado como um dos obstáculos a inclusão. A diferenciação curricular que se procura na inclusão é a que tem lugar num meio em que não se separam os alunos com base em determinadas categorias, mas em que se educam os alunos em conjunto, procurando aproveitar o potencial educativo das suas diferenças, em suma, uma diferenciação na classe assumida como um grupo heterogêneo.

A educadora entrevistada pela pesquisa informou que tem observado uma maior incidência de alunos com características autista em sala de aula, assim como socialmente esse espectro vem sendo estudado e divulgado, e que inclusive já havia encaminhado tais alunos para o setor de psicologia e fonoaudiologia da instituição a fim de que fossem realizadas avaliações mais específicas. Relatou ainda que reconhece sua deficiência em relação as estratégias de ensino utilizadas para promover a inclusão e garantir aprendizagem dessas crianças pois para isso seria necessário que ela mesmo se aprofundasse mais nesse tema.

Freitas (2005) pontua também que o curso de formação de professores na maioria dos casos não aborda os alunos com necessidades especiais e quando abrangem o assunto é de uma forma que raramente retrata a realidade. Por isso a dificuldade do professor em lidar com essas crianças em sala de aula. Não há preparo suficiente e nem recursos oferecidos são adequados pra se trabalhar. Há com certeza uma grande falta de estrutura e com alunos autistas é necessária uma estruturação específica.

Segundo Cool (1995), o ambiente não deve ser complexo demais a fim de facilitar sua aprendizagem e compreensão. Além disso, o professor deve manter uma postura de educador facilitador, no sentido de trabalhar sob questões concretas, frente aos autistas e por esse motivo a necessidade de se ter uma formação mais completa, abrangendo os alunos com deficiência.

A professora afirma que além de cursos, palestras e seminários sobre o tema inclusão, deveria haver também em sala de aula a figura de um mediador escolar oferecendo um suporte a mais e fazendo uma ponte entre esses alunos e o docente, uma vez que numa turma com média de 25 alunos não há formas de o professor oferecer uma orientação especifica e acompanhamento com qualidade desses e dos demais alunos.

Com isso vemos a importância de termos profissionais especializados (equipe multidisciplinar) auxiliando todo o corpo docente da escola (psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, etc.) a fim de que a inclusão realmente aconteça e de forma satisfatória para todos os envolvidos nessa questão.

A educação é tarefa árdua, em todos os segmentos e consideradas todas as diversidades precisa estar muito bem constituída por toda uma equipe multidisciplinar que oriente o trabalho do professor a fim de que esse possa ser consolidado da melhor maneira possível. Gauderer (1985) defende que tais profissionais são essenciais para auxiliarem o desenvolvimento e suprir informações dos alunos autistas aos pais e familiares em geral esclarecendo dúvidas frequentes e ajudando na interação entre os autistas e o meio social que vivem."

Um breve conceito sobre o autismo

O autismo não é mais considerado somente em seu nível grave, atualmente chamado de nível 3, no qual a criança não se comunica de forma alguma, ficando reclusa e fazendo movimentos repetitivos com o corpo, balançando para frente e para trás, mas é possível que a criança autista faça parte do universo pedagógico junto as demais crianças em sala, pois além de termos diversidade dentro do autismo, hoje pontuado como espectro, as formas de tratamento e comunicação estão mais acessíveis. Nesse sentido, professores estão sendo preparados para inserir essas crianças no ambiente escolar principalmente através da adaptação curricular.

É imprescindível que essas crianças sejam alfabetizadas em escolas regulares para que não haja segregação ou isolamento em escolas especializadas. O professor é peça fundamental em desmistificar todo o preconceito que existe em relação à capacidade cognitiva do aluno autista, ou com qualquer outra deficiência, sendo essa situação descrita como Capacitismo. Muito pode ser feito por essas crianças, mas o principal é acreditar que elas têm potencial para aprender.

O papel do professor em qualquer etapa, mas aqui especificamente na educação infantil, é bastante relevante, pois através da observação ele conseguirá entender a criança autista segundo as suas dificuldades para aprendizagem e consequentemente criará estratégias de alcance e acolhimento, de forma que o aluno se sinta partícipe do contexto escolar.

A atenção especial deve ser dada as deficiências que essas crianças possuem em comunicação, interação, linguagem e do comportamento e a linha (que precisa ser ampla) de atuação a ser traçada em cima dessas necessidades. Levando em consideração que a criança autista se caracteriza fundamentalmente pela falta de uniformidade em seu rendimento o professor precisa seguir um planejamento educacional baseado na diagnose e na descrição de suas observações sobre a criança, analisando principalmente quais os canais de comunicação que não são viáveis. É aconselhável que os docentes tenham algum conhecimento de Psicologia do Desenvolvimento e que sejam orientados para uma atuação adequada nos graves distúrbios de comportamento que

apresentam tangem esse universo.

O diagnóstico precoce é apenas o primeiro desafio que o Brasil estava começando a utilizar, dando com isso um novo olhar para educação dos pequeno inseridos nesse contexto. É importante que esse diagnóstico seja realizado antes dos 36 meses de idade. Convém salientar que o autismo está presente também em algumas crianças que apresentam inteligência e fala preservadas.

O autismo basicamente é mais conhecido como uma alteração que provoca um afastamento da criança do mudo exterior, encontrando-se sempre centrado em si mesmo o que evidencia sérias perturbações das relações afetivas com o meio. Quando desenvolve a linguagem essa é caracteristicamente descontextualizada em relação ao uso das palavras.
O transtorno autista se apresenta como um transtorno do neurodesenvolvimento que se manifesta desde o nascimento e por toda a vida. Esse transtorno acomete cerca de aproximadamente 1 a cada 40 recém- nascidos e é quatro vezes mais comum entre meninos do que meninas. Porém quando a menina é acometida os sintomas são mais graves.

Luca Surian (2010), estudioso da temática, afirma que “A criança autista apresenta uma aderência inflexível a rotina ou rituais reagindo com intensa ansiedade a mudanças imprevistas no ambiente”; sendo assim cabe ao professor utilizar uma metodologia diferenciada ao lidar com esses alunos a fim de amenizar todo estresse causado na rotina escolar. Compreender e detectar o modo peculiar do aluno autista situar-se no mundo permite aos professores desenvolver sua atuação de modo a auxiliar o desenvolvimento infantil em consonância com os objetivos da educação infantil

Estudiosos se esforçaram e se aprofundaram em questões referentes às causas do autismo. Vários questionamentos a respeito das capacidades inatas que tornam o ser humano capaz de interagir com o outro foram realizados, e perguntas do tipo o que faz um ser humano se fechar sobre si mesmo foram feitas. Surgiram três teorias principais que procuram investigar quais os fatores que podem originar o autismo. São elas:

1- Teoria Psicogenética ou Psicanalítica

Na década de 50 e 60 o conceito de autismo estava direcionado a uma resposta desadaptada em face de um ambiente desfavorável e não a um déficit inato. Alguns autores consideravam o autismo como uma reação há relação parental, alegando que a criança poderia ser alvo de tratamento mecânico frio e obsessivo pelos pais. Outros autores sugeriram que a criança autista era vítima de falta de estimulação, rejeição e falta de amor ou de conflitos intrapsíquicos originados de interações desviantes da família;

Em meados da década de 70 começaram a surgir relatos que contrariavam os postulados dessas teorias. São exemplos disso às crianças vítimas de maus tratos e atos de negligencias que não deram origem a um quadro de autismo. Sendo assim as teorias psicogênicas foram sendo cada vez mais criticadas. Apesar de todas as contribuições das perspectivas psicogenéticas, convém salientar que ela teve

uma influência assoladora para muitos pais, visto que passaram a sentirem-se inteiramente culpados por terem "causado" tamanha perturbação em seus filhos. O desapontamento confirmado pelas intervenções psicanalíticas bem como a descoberta pela Associação do Autismo a fatores orgânicos contribuiu para pôr fim às teorias psicogênicas. Aos poucos essa teórica foi abandonada e surgindo a hipótese da existência de uma base genética inerente ao autismo;

2- Teoria Biológica.

Atualmente considera-se que as causas do autismo sejam de origem neurológica. O argumento mais contundente contra a teórica psicogênica se deve ao fato dos autistas terem grande probabilidade de sofrerem de epilepsia e cuja incidência aumenta durante a infância e adolescência podendo chegar a ser de 25% dos adultos. Apesar de muitos estudos efetuados ainda não há certezas quanto ao papel dos genes no aparecimento do autismo. Sabemos porem que a síndrome acomete mais meninos do que meninas com total de cinco para um. Atualmente com base da relação do autismo com diversas patologias (rubéola, paralisia cerebral, meningite, etc.) o autismo tem sido descrito pela ocorrência em associação com uma grande variedade de perturbações de base biológica. Com base nesses dados se aceita que o autismo resulte da perturbação de determinadas áreas do sistema nervoso central que atingem a linguagem, o desenvolvimento cognitivo e intelectual, assim como a capacidade de estabelecer relação, podendo estar associada a uma gama de desordem cerebral. As investigações neurobiológicas evidenciaram a origem orgânica do autismo, embora ainda não tenha sido identificado de forma efetiva. Pode-se concluir que o autismo é causado por perturbações biológicas diversas, ou seja, que tenha um caráter multicausal. Assim, as teorias biológicas dividem-se em: Teórica Genética, Teoria Neurológica, Teoria Neoquímico, Teoria Imunológica, Fatores pré, peri e pós natais;

3- Teoria Psicológica.

Apesar de o autismo ser uma síndrome definida em termos comportamentais, é aceito também atualmente que existam déficits cognitivos e vários níveis que a ela são associados. Em 1964 surge a primeira teoria psicológica defendida por Rinland. Essa teoria sugeria que crianças autistas tinham dificuldade na associação dos estímulos recebidos com a memória resultante de experiências anteriores, porém foram os estudos defendidos o Hermelin e O'Connor (1970) que deram a importância definitiva a essas investigações, como objetivo de identificar o déficit cognitivo básico associado aos distúrbios fundamentais do autismo. Esses autores defendem a teoria de que os autistas armazenam as informações verbais de forma neutra (sem analisá-las, atribuir-lhes significados ou reestruturá-las), não fazendo uso da estrutura sequencial para facilitar a consolidação da memória. Em seus estudos em meados da década de 70 permitiram destacar uma das deficiências mais importantes e específicas do autismo: A incapacidade de avaliar a ordem e sua estrutura, assim como o voltar usar a informação. Sendo assim conclui-se que

os autistas seriam incapazes de extrair regras ou de estruturar experiências, tanto o domínio verbal, como não verbal; o que explicaria a dificuldade em realizar tarefas orientadas por ordens complexas como a linguagem e interações sociais. Segundo essas teorias as anomalias sociais seria um resultado de falhas cognitivas e da incompreensão linguística. Esta concepção estimulou a pesquisa de uma anomalia de nível encefálico das funções linguísticas que incluem déficit na comunicação verbal e não verbal. Em 1980 surgem então a teoria da mente que seria mais uma das faces da teoria psicológica.

Inclusão da criança autista na escola.

Ao longo das últimas décadas, o mundo vem discutindo no campo da educação, o que vem a ser inclusão e qual a melhor maneira de fazê-la. Alguns autores defendem a ideia de que independentemente do nível de dificuldade, todas as crianças devem ser incluídas na rede regular de ensino, mesmo que sejam em salas especiais. Outros autores.

Defendem a inserção do aluno em sala regular sempre. Porém a inclusão de crianças autistas deve ser realizada de modo criterioso e bem orientado o que vai variar de acordo com as possibilidades e diferenças individuais de cada aluno. Na escola regular uma estratégia de facilitação da inclusão do aluno autista são as salas de apoio, professores especializados e a presença do mediador escolar. Esse professor especializado não necessita atender somente a uma escola, porém deverá saber realizar avaliações, organizar sistemas de trabalho, avaliar sua eficiência, avaliar problemas de comportamento e definir estratégias.

A Escola que possui a proposta de inclusão leva em consideração as necessidades de todos os alunos e é estruturada em função dessas necessidades. Segundo Fávero et al (2004), reforça-se a ideia de que a inclusão é um desafio que ao ser enfrentado pela escola comum provoca a melhoria da qualidade da educação básica e superior. Essa discussão em respeito da inclusão ultrapassa a esfera da educação especial, pois ao falarmos em uma escola para todos questiona-se a constituição das interações nesse espaço e das relações da sociedade como um todo. Embora para o conhecimento as diferenças e semelhanças sejam fundamentais o desafio está em relacioná-las em um modo diverso, reconhecendo as semelhanças sem apagar as diferenças, mas colocando-se em relação a elas e aprendendo com elas.

Sant'Ana (2005) apresentou uma pesquisa realizada com dez professores do ensino fundamental sobre a inclusão e foi verificado que essas dificuldades de realização desse processo existem há décadas e pertencem a toda o sistema educacional do país. Desta forma sabemos que existe grande necessidade de mudança na reestruturação do sistema escolar para que ocorra efetivamente a inclusão.

A escola como espaço de socialização e conhecimento do mundo

Embora sempre houvesse uma necessidade de capacitar os professores para que a inclusão realmente aconteça na prática, existe uma dúvida a respeito de qual, ou quais, modelos de formação

continuada são mais eficazes para desenvolver as competências desejadas nos docentes. Nessa temática podemos observar dois grupos de professores: Os que atuam em classe comum e os que trabalham em escolas especializadas. Temos que ter em mente também o público alvo que será envolvido com a proposta de formação continuada. A partir desse princípio o diálogo e as metas deverão ser circunscritos.

É importante ter sempre em mente que qualificar uma escola para a inclusão dos alunos autistas implica em reestruturar todo o ensino e suas práticas (usuais e excludentes). Na inclusão não é a criança que se adapta a escola e sim a escola que se molda para receber o aluno.

Vale ressaltar que muitas vezes como não só os professores como também os coordenadores escolares não estão aptos para desenvolver um plano pedagógico coerente com as necessidades do aluno autista, lança-se mão de um orientador terapêutico que poderá ser um psicólogo ou um fonoaudiólogo o que é um erro. Não se deve promover a substituição do profissional. Esses profissionais podem até fazer parte da equipe técnica, porém de forma complementar, sem que isso não diminua a responsabilidade do professor.

O professor precisa ir além de ser um transmissor de conhecimento, na escola o aluno deficiente ou não deverá vivenciar experiências significativas para o seu processo de aprendizagem. A escola cria significados, promove reflexões, resgata valores e amplia as oportunidades de socialização. O papel da escola é também usar de todos os recursos possíveis para transformar o entorno.

Pode-se dizer que a escola é a maior responsável pela educação e formação de um indivíduo, e nesse processo o professor é a pessoa intermediária disso. Todo indivíduo depende de uma estrutura social e política para uma boa sobrevivência, afinal as crianças serão futuramente as responsáveis pelas grandes transformações socioeconômicas, culturais e políticas de nosso país. Logo, com base nesses princípios, o trabalho educativo será pautado também para a construção da tolerância e respeito às diferenças dos cidadãos, objetivando o bem-estar não só pessoal como também o coletivo.

A Formação dos Professores de Alunos Autistas

Apesar de muito empenho sabe-se que a inclusão implica em transformações progressivas e dispendiosas e que não acontecerá instantaneamente. Mudar a escola é uma árdua empreitada que exige que se coloque sempre a aprendizagem como base, pois ela foi constituída para que todos aprendam de acordo com suas peculiaridades. Os profissionais de educação estão cada vez mais se deparando com um grupo heterogêneo de alunos, o que dificulta o trabalho e o seu desenvolvimento.

Os docentes se veem impotentes e coagidos a encontrar respostas aos diversos problemas presentes em sala de aula. Os alunos sem deficiência já são por si só um desafio constante, pois sabe-se que cada um tem um ritmo próprio e não respondem da mesma forma as experiências vivenciadas na escola.

Assim, esse fator toma proporções

ainda mais alarmantes e desesperantes quando se tratam de alunos com necessidades educativas especiais. Apesar da formação acadêmica, o educador sente-se frustrado perante tantos obstáculos, pois não sente o apoio desejado nem possuem na maior parte das vezes, condições de trabalho favoráveis ao combate dos mesmos. Porém muito dos educadores conscientes dessa realidade que nos rodeia, partem numa exploração sem fim par obter algumas respostas, noções, estratégias, enfim, tudo que seja útil para prestar auxílio aos alunos mais necessitados, tornando a sua prática pedagógica a mais completa e frutífera possível.

A criança com autismo requer que seu aprendizado receba uma atenção especial e uma formação específica por parte dos professores devido ao conjunto de sinais e sintomas peculiares a essa síndrome. É necessário haver muita conversa com a família e muita troca de informações com toda equipe multidisciplinar envolvida no processo para que consigamos uma ajuda eficaz a esse aluno.

A rede de profissionais, incluindo a família, precisa estudar o que se há de mais atual sobre o assunto e observar a individualidade de cada criança autista ao refletir estratégias para o seu engajamento. Assim faz- se importante a reflexão e o estudo para ampliar a prática docente e garantir o direto de aprendizagem da criança com deficiência.

Os professores diante de tantas indagações e atribuições, além do apoio sistêmico, necessitam de uma formação mais aprofundada e um reconhecimento também financeiro objetivando a prática da real inclusão desses alunos em sala de aula. É necessário que haja uma sinalização prévia dos possíveis casos de autismo em sala de aula para que a intervenção aconteça o mais previamente possível.

Sabemos que quanto mais cedo esses casos forem diagnosticados e tratados não só na esfera médica como também no educacional, os professores terão mais facilidades em reduzir ou até mesmo anular certos comportamentos que possam a vir comprometer as vivências desses pequenos. O educador infantil ao se deparar com um aluno autista precisará conceber que terá como objetivos principais desenvolver ao máximo as competências, favorecer um equilíbrio pessoal o mais harmonioso possível, fomentar o bem estar emocional e apresentar-lhe um mundo repleto de relações significativas.

CONCLUSÃO

Abordar sobre autismo é uma tarefa difícil, pois muito ainda precisa ser descoberto a respeito da síndrome principalmente em relação a sua etiologia. Podemos afirmar que o que acontece no autismo é uma desordem no simbólico, o lugar da linguagem. E que para a constituição do sujeito ocorra de forma ampla é fundamental o trabalho assim que possível com estimulação pelos diversos profissionais competentes. Assim, o professor atualmente necessita cada vez mais frequentar cursos de especializações ou capacitações a fim de que possa realmente praticar a inclusão. Muito tem sido feito a fim de que essas crianças sejam tratadas levando em consideração sua real carência, objetivando a ocupação de seu lugar como cidadão na sociedade.

O mais importante nessa proposta de inclusão é que ela precisa necessariamente ser realizada dentro de escolas regulares. É necessário considerar a função social da escola oportunizando cada vez mais vivências pedagógicas que incrementem a inclusão. Uma escola inclusiva implica em oferecer igualdade de oportunidades não só para aprender como também para a participação na vida social e para isso o currículo deve ser apropriado segundo as necessidades de cada um.

Vale ressaltar que na inclusão não é a criança que se adapta a escola, mas sim a escola que para recebê-la deve se transformar. Qualificar uma escola a fim de que atenda os preceitos da inclusão necessariamente, implica em medidas de reestruturação de práticas usuais e excludentes. O resultado dessa pesquisa nos mostra que a grande realidade vivida hoje no sistema educacional: O despreparo para lidar com alunos autistas, bem como educá-los e ensiná-los. Tal despreparo é causado pela insuficiente formação profissional nas áreas especiais e pela falta de informações que se tem atualmente sobre o autismo e suas manifestações.

É também possível observar nos questionamentos dos professores que eles não têm vivências com as crianças autistas. Alguns nunca conviveram, mesmo que indiretamente com um autista. Notam-se professores com apenas pouco conhecimento sobre as características dos alunos autistas e só conhecem aquelas principais como, por exemplo, a dificuldade de interação social, o “isolamento” social, as dificuldades de aprendizagem, na fala e no contato visual, o que o senso comum comunica.

De um modo geral é possível compreender que falta uma reflexão mais aprofundada por parte professores, da escola, da sociedade, quem são as crianças autistas, pois não tem sido suficiente para trabalhar de forma respeitosa, funcional, adequada e significativa com os mesmos. Os autistas necessitam de uma estrutura eficiente, de métodos específicos de ensino, de ambientes especiais, de preparação prévia, e de uma abordagem abrangente para terem o mínimo desenvolvimento no processo de aprendizagem.

Diante do exposto, acredita-se que esse estudo possa somar com outros estudos desenvolvidos acerca do autismo e suas manifestações, uma vez que resume de maneira objetiva as principais características desse distúrbio, buscando resgatar a importância da educação ampla também para os autistas. Pode-se até dizer que existem tentativas de desenvolver o processo de inclusão desses alunos, porém talvez a forma como esta introdução esteja sendo realizada não apresenta ainda resultados efetivos.

A verdade é que muito se fala da educação especial e inclusiva de alunos deficientes visuais, deficientes auditivos, deficientes físicos, deficientes mentais entre outros, porém o aluno autista tem sido esquecido. Há falta de incentivo por parte das autoridades em relação a formação de profissionais capacitados e habilitados para atuarem com esse alunado e como consequência, ve-se o abandono existente na vida de autistas e de seus familiares, pois estão à margem do que é produzido socialmente.